

Infelizmente, porém, nem copia jamais lográmos ver d'esta carta, cuja existencia é attestada pela tradição oral no Sabugal e confirmada tambem pela tradição escrita.

Nada ha mesmo que possa pôr em dúvida este episodio da vida do poeta, tanto mais verosimil quanto é certo ter existido o facto que lhe deu origem.

Talvez ainda venha a esclarecer-se-me mais este assunto, de modo que não fique com foros de lenda este episodio, como alguns scepticos e respeitaveis criticos pretendem considerá-lo, sem darem valor á tradição oral e escrita.

(Continúa).

J. MANOEL CORREIA.

Estação paleolithica do Casal do Monte

Quem, seguindo a calçada de Carriche, chegue ás portas de Lisboa, encontra-se em frente de dois caminhos: tomando pelo da direita, isto é, pela estrada que vae ter á Povoação de Santo Adrião, depois de ter passado uma ponte de alvenaria, chamada *da Povoá*, que atravessa um rio, sêco durante o verão, chega áquella localidade; seguindo depois o caminho que vae ter ao «Cemiterio velho» (como ali lhe chamam), e continuando pela azinhaga, encontra-se em frente de uma montanha.

É ali a estação paleolithica.

Fica esta no cume do monte que sobresaie a todos em redor. É coroado por um marco geodesico que se distingue perfeitamente de longe.

Existem tambem por ali bastantes nascentes, e no sopé do monte corre o já mencionado ribeiro: temos pois alguns dos requisitos que as necessidades do homem primitivo pediam.



Fig. 1.^a

Indo por acaso ali passear, no dia 17 de Outubro de 1909, vi que naquelle sitio abundavam os silices. Observei com attenção todos os bocados que encontrei, mostrando-os depois tanto ao Sr. Dr. Leite de Vasconcellos como ao Sr. Dr. Alves Pereira. Ambos estes senhores foram da minha opinião, isto é, que os silices mostravam trabalho humano.

Foi assim que descobri esta nova estação.

Voltei ali mais vezes, e tenho actualmente 250 silices lascados, al-

guns dos quaes foram offerecidos ao Museu Ethnologico Portuguez.

De entre todos descreverei aqui os mais caracteristicos.

O primeiro, que é uma peça lindissima (fig. 1.^a), pertence a um typo descrito pela primeira vez em Portugal. Não tem a secção amigdaloides como aquella encontrada na gruta da Furninha, tão bem estudada por Nery Delgado; pelo contrario, parece-se muito com uma figurada no *British Museum*, a *guide to the antiquities*

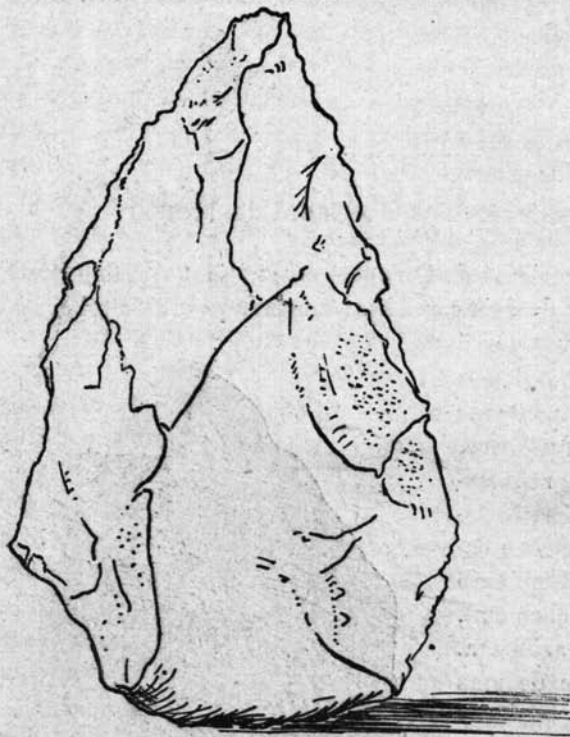


Fig. 2.^a

of the stone age, p. 29, fig. 24.^a Na Direcção dos Trabalhos Geologicos, que eu visitei com o meu professor o Sr. Dr. Costa Ferreira, existe uma peça parecida com a minha, e que foi encontrada a uma altitude de 1:000 metros entre o Zambujal e o Tojal, a distancia de 7 kilometros do Casal do Monte. O mais curioso d'esta peça é ser talhada numa das extremidades. É, como se vê na figura, «un coup de poing»¹.

¹ Não sei traduzir «coup de poing» e parece-me mesmo que não ha traducção O Sr. Dr. Alves Pereira disse-me que no Minho chamam «punhão» a um sóco.

É de quartzite, e mede 0^m,09 de comprimento, 0^m,055 de largura e 0^m,03 de espessura. É esta a peça mais característica que até agora ali encontrei.

Outra peça também bastante característica é a que representa a fig. 2.^a Tem secção amigdalóide. É, como se vê, e do mesmo modo que a primeira, um «rognon» talhado.

Esta peça, porém, é quasi toda lascada, e só uma pequena parte em baixo está por talhar. O mais curioso, e que se nota em quasi todos os «coup de poings» encontrados no Casal do Monte, é a parte inferior não ter sido lascada. No livro *Les origines*, de J. Guibert, lê-se: «souvent, la surface naturelle du rognon ou du galet a été respectée à la base, pour permettre à la main de saisir ou de manier, sans se blesser, ce lourd instrument à la manière d'un coup de poing». Tem esta segunda peça 0^m,09 de comprimento, 0^m,05 de largura e 0^m,04 de espessura.

O terceiro «coup de poing» (fig. 3.^a) apresenta uma grande superfície não talhada. Consultando o *Guide* do British Museum, vê-se figurado na p. 66 um «coup de poing» do mesmo genero. No livro já também citado, *Les origines*, encontro o seguinte: «l'instrument qui caractérise cette époque¹ est

un rognon de silex, un galet de quartzite ou de quelque pierre dure, taillé à grands éclats sur les deux faces, de manière à former une pointe plus ou moins effilée, très épaisse à la base et au milieu très mince et tranchante sur les bords et à l'extrémité». É o que se observa também na fig. 4.^a

Encontrei também um «coup de poing» triangular sem ser lascado na base.

Instrumentos perfeitamente typicos (St.-Acheul) ha, d'esta estação, nove².

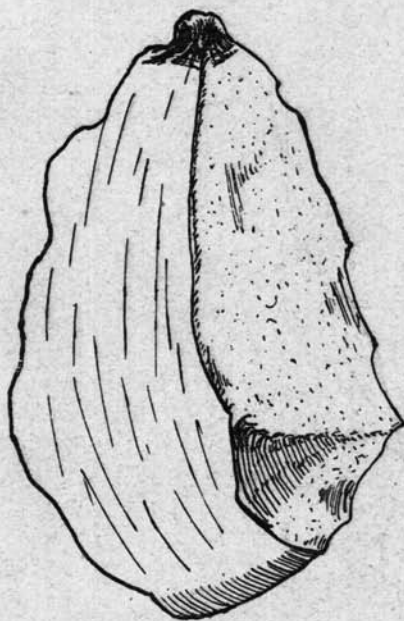


Fig. 3.^a

¹ Chelliana.

² Duas d'estas peças pertencem ao Sr. Santa Rita.

No *Guide* do Museu Britannico ha gravuras que quasi parecem photographias de peças que tenho, e algumas das quaes já foram apresentadas á Sociedade das Sciencias Naturaes, em sessão.

*

Não quero acabar esta desprezenciosa noticia sem agradecer, como me cumpre, ás pessoas que me ajudaram na minha tarefa. Agradeço,

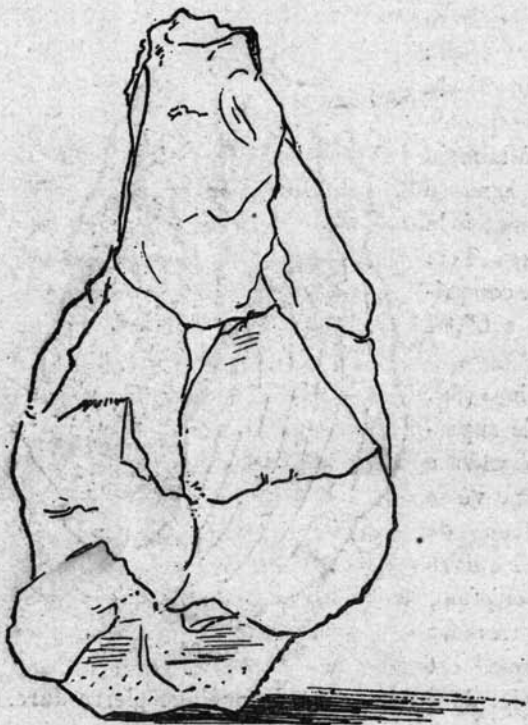


Fig. 4.^a

pois, aos Ex.^{mos} Srs. Drs. Leite de Vasconcellos e Alves Pereira os seus conselhos e os livros que me facultaram no Museu Ethnologico Português, dos quaes tirei elementos para o meu artigo; ao Sr. Dr. Costa Ferreira, meu professor, o ter-me acompanhado á Sociedade das Sciencias Naturaes; aos Srs. Paulo Choffat e Luis Couceiro a maneira como me trataram quando visitei a Direcção dos Trabalhos Geologicos; e ao Sr. Camara Pestana, a excellente photographia do instrumento que primeiro descrevi neste meu relatorio ¹. Tanto no descobrimento da estação arcaica do Casal do Monte, como na organização da minha modesta collecção paleolithica, fui ajudado por meu irmão e condiscipulo no Lyceu de Lisboa, Victor Fontes, e pelo meu amigo José Santa Rita, alumno do Curso Superior de Letras.

Lisboa, 1909.

J. FONTES.

¹ As restantes photographias foram tiradas por mim.